



DECLARAÇÃO. 21 de abril de 2026

A um ano de Francisco: memória e compromisso esperançoso pela dignidade, a justiça social e a paz

Ao completar-se um ano do falecimento do papa Francisco, os movimentos populares fazemos uma memória agradecida de sua vida e de seu compromisso, e reafirmamos o caminho que, junto com ele, iniciamos e que hoje continua em um tempo especialmente decisivo para a humanidade.

Francisco não apenas nos acompanhou: ele abriu um processo histórico. Soube reconhecer naqueles que vivem nas periferias uma força transformadora capaz de "organizar a esperança" e de construir fraternidade desde baixo. Ensinou-nos que a dignidade não se negocia e que a luta por terra, teto e trabalho é uma exigência de justiça e de fé. Seu legado não pertence ao passado: permanece vivo nas comunidades, nas lutas cotidianas e na convicção de que ninguém pode ser descartado.

Esse caminho não parou. No V Encontro Mundial dos Movimentos Populares, celebrado na Spin Time, em Roma, constatamos que "estamos vivendo em um mundo fraturado, ferido pela violência, pela injustiça e pelo desprezo à dignidade humana". As guerras se multiplicam, as desigualdades se agravam, a precariedade laboral se espalha e milhões de pessoas continuam sendo expulsas de seus direitos mais básicos. Nesse contexto, reafirmamos que a terra, o teto e o trabalho são a base irrenunciável da justiça social e da paz.

O papa Leão XIV confirmou e renovou esse processo. Em seu primeiro encontro com os movimentos populares, recordou-nos que é necessário "ver as 'coisas novas' desde a periferia" e proclamou que "a terra, a casa e o trabalho são direitos sagrados", e que a luta por eles é "legítima". Sua palavra foi uma ratificação e, ao mesmo tempo, um chamado exigente: perseverar na missão, fortalecer a organização e assumir a responsabilidade histórica deste tempo. Encorajou-nos a não nos limitarmos à denúncia, mas a construir alternativas, reconhecendo-nos também como "poetas sociais" que, a partir da vida concreta dos povos, buscam soluções para uma sociedade ferida. Além disso, afirmou que a Igreja deve acompanhar os movimentos populares: "E assim como a Igreja acompanhou a formação dos sindicatos no passado, hoje devemos acompanhar os movimentos populares".

Vivemos, no entanto, um momento especialmente crítico. A democracia se enfraquece em muitos lugares, erodida pela concentração do poder econômico e por dinâmicas plutocráticas que esvaziam de conteúdo a participação cidadã. A guerra volta a se apresentar como um instrumento político legítimo, normalizando a violência como forma de resolver os conflitos.



Crescem os discursos de ódio e intensifica-se a criminalização da pobreza, das pessoas migrantes e daqueles que praticam a solidariedade. Como nos alertou o Papa Leão XIV, estamos diante de "um vazio ético no qual o mal se infiltra facilmente", e somos chamados a preenchê-lo com processos de justiça, solidariedade e fraternidade.

Nesse contexto, preocupa-nos profundamente que a defesa da paz e da dignidade humana seja alvo de deslegitimação e ataque no debate público global. Os recentes ataques públicos contra o Papa Leão XIV por sua rejeição à guerra e aos abusos de poder evidenciam até que ponto o compromisso com os mais vulneráveis questiona interesses estabelecidos. Diante disso, acolhemos e fazemos nossas as suas palavras. A Igreja e as pessoas de boa vontade têm "a obrigação moral de ir contra a guerra".

Os movimentos populares reafirmamos, neste aniversário, nossa vocação de ser protagonistas deste tempo, a partir da organização dos povos e da construção paciente de alternativas. Comprometemo-nos a continuar impulsionando ações que garantam direitos, a fortalecer alianças entre movimentos e com a Igreja, e a promover uma democracia que coloque no centro o cuidado da dignidade humana.

Sabemos que o caminho não é simples. Mas também sabemos que não estamos sozinhos. Como nos foi recordado, nossa luta nasce "do desejo de amor" e se sustenta na fraternidade que construímos a cada dia. Essa é a nossa força e a nossa esperança.

A um ano de sua partida, damos graças por Francisco, por seu testemunho e sua proximidade, por nos ter amado. E, em continuidade com esse legado, renovamos nosso compromisso com o caminho que hoje seguimos junto ao Papa Leão XIV e a toda a Igreja de Cristo: um caminho de justiça social, de paz e de fraternidade, no qual a dignidade de cada pessoa seja reconhecida e garantida em todo lugar.

Porque, diante de um mundo que arde, continuamos acreditando e organizando a esperança.